

# Lugares de afeto das reliquias familiares

RAFAELA DOS SANTOS BORGES

intransitiva  
• revista

LUGARES QUE NOS HABITAM (V. 8, N.1, 2024)

# Lugares de afeto das relíquias familiares

Rafaela dos Santos Borges —————

Cada vez mais me convenço de que nossos hábitos se impregnam nos objetos, que por si só não têm um significado intrínseco. Esses, por mais ordinários que aparentam ser, podem esconder uma camada de significado muito mais profunda para aqueles que os mantêm. O significado é formado a partir de hábitos, os quais habitam na prática do dia a dia com os objetos. Eles guardam memórias que os transformam em verdadeiros lugares habitados por nossas histórias. E é assim que esses elementos ordinários se tornam relíquias.

Esta é uma história sobre relíquias familiares. Ela é composta do meu ponto de vista, complementado pelo ponto de vista de um objeto singular, um dos mais ordinários de todos: uma xícara de café. O que uma xícara de café pode acrescentar na vida de uma pessoa? Que momentos ela presenciou e que histórias, além do café, encontram lar nessa xícara? Por quais lugares ela passou e o que esses lugares dizem sobre mim e minha família?

A história dessa relíquia em questão começa em algum dia que não vivi, mas em um lugar que conheço desde que me entendo por gente: a minha casa. Em 1989, minha mãe decidiu comprar um apartamento, que hoje é nosso lar. Na época, ela morava com minha avó e meu avô na Vila da Penha, mas resolveu morar sozinha em um lugar em São Gonçalo, onde encontrou um apartamento que parecia ideal. Em março daquele ano, organizou sua vida e se mudou. Nesse tempo, as xícaras ainda não habitavam lugar algum conhecido por ela, senão uma loja qualquer.

Três meses depois que minha mãe se mudou, minha avó foi diagnosticada com câncer de mama. Com o avanço do tratamento, também avançava a depressão da minha avó, e sua autoestima se retraía, como num movimento pendular. Minha mãe, a fim de minimizar isso, fechou o apartamento recém-comprado e voltou à Vila da Penha, lugar que nunca conheci a não ser por essa história. Nessa época, o apartamento ainda era só um

apartamento: não creio que em três meses ele já havia se transformado em lar, já que as xícaras de café ainda não existiam. Assim, minha mãe trabalhava durante a semana e, nos momentos livres, fazia companhia para a minha avó.

Em um desses dias úteis, elas saíram para “ver as modas” e foram a um shopping “grande que tinha lá” em Madureira. Nunca fui a esse shopping, mas o conheço através das xícaras. Passeando pelo shopping, minha mãe e minha avó encontraram uma loja que vendia itens delicados e bonitos para transformar um apartamento em lar. A paixão por xícaras de porcelana é um caso de família: vem da minha bisavó, que influenciou minha avó, minha mãe e, por fim, chegou a mim. Todas que vieram antes de mim tinham uma cristaleira em casa com xícaras para as visitas.

Assim, minha mãe, apaixonada por xícaras, se encantou com uma dúzia delas. Ela e minha avó decidiram comprar o conjunto, dividindo a dúzia: metade ficou com minha avó e metade com minha mãe. Dividiram não só as xícaras, mas também o seu significado: nesse momento, elas se tornaram o lar simbólico da recuperação da depressão e do câncer de mama da minha avó. Por fim, minha avó melhorou do câncer, perdeu uma mama e ganhou uma prótese nesse processo.

Voltando às xícaras, minha mãe diz que sempre cuidou muito bem delas, sem quebrar nenhuma durante esses 35 anos. Na minha mente, a imagem dessas xícaras é vívida, mesmo quando estão guardadas na cristaleira aqui de casa: são delicadas, de porcelana com um padrão floral azul sobre fundo branco, cada uma com sua alça e repousando sobre seu pires correspondente. Embaixo de cada xícara e pires há a assinatura de quem as produziu. Essa pessoa também não conheço, mas ela também habita essas xícaras, assim como todos que um dia cruzaram seu ponto de vista.

O significado atribuído às xícaras vai além daquele inicial compartilhado entre minha avó e mãe. Minha mãe, na época que estava cursando o último período da faculdade de psicologia, reunia um grupo de estudos aqui em casa. Nessa época, o apartamento já se tornava um lar e eu já fazia parte da sua rotina de maneira indireta: minha mãe estava grávida de mim. Então, durante esses grupos de estudo, minha mãe servia café nas seis xícaras que ficaram com ela. Seus colegas debochavam desse ato de carinho, porque era algo muito chique para apenas um grupo de pessoas estudando durante uma tarde qualquer. Porém, apesar disso, minha mãe seguia apaixonada

por suas xícaras. Diz ela que eu estudo desde essa época. Tenho para mim que as xícaras também.

Os anos se passaram, eu nasci, meu irmão nasceu, minha mãe terminou a faculdade e tornou-se psicóloga. Em algum momento antes de eu nascer, minha avó se mudou com meu avô da Vila da Penha para Iguaba Grande. As xícaras, nesse meio tempo, ficavam nas cristaleiras, tanto em Iguaba Grande na casa da minha avó, quanto em São Gonçalo, na minha casa. Quase não as usamos em casa porque minha mãe sempre cuidou muito bem delas, principalmente por conta de seu primeiro significado: o elo entre ela e minha avó. Elas eram utilizadas somente em ocasiões especiais. Quando minha mãe me contou isso, descobri que o grupo de estudos era uma dessas ocasiões. Já em Iguaba, as ocasiões especiais eram as férias escolares, onde eu e meu irmão passávamos na casa da minha avó. Nesse meio tempo, minha mãe diz que quando ia lá, se reencontrava com as xícaras durante o café da tarde com minha avó.

Os anos se passaram e, em 2015, minha avó faleceu. Na divisão dos objetos que ficaram, das seis xícaras que inicialmente ficaram com minha avó, apenas cinco voltaram. É inevitável não associar esse processo da perda de uma xícara com a perda de sua mama pelo câncer e da perda da família quando ela faleceu anos depois. Foi um período difícil, marcado pelo reencontro das xícaras que agora estavam juntas novamente. Hoje, eu e minha mãe temos onze xícaras que adquiriram outro novo significado: a saudade. Saudade compartilhada da recuperação da saúde da minha avó, do grupo de estudos que acompanhei dentro da barriga da minha mãe, das férias escolares em Iguaba e do café da tarde em família.

Os anos se passaram e, em 2024, defendi minha dissertação de mestrado. Para contexto, pesquisei sobre como percebemos sensorialmente os objetos e como eles estão repletos de bons significados. A defesa foi realizada de modo híbrido: parte da banca estava presencial e parte estava online. Para aqueles que foram presencialmente, tive a ideia de fazer um coffee break para comemorar o resultado da defesa. Assim, enriqueceria a memória desse dia de acordo com os significados que iríamos construir compartilhando a mesa naquele momento de comemoração.

Então, no dia anterior à defesa, comprei biscoitos variados, chás, refrigerante, etc. Minha mãe deu a ideia de levarmos café. E dessa ideia, pensei: já que é uma ocasião especial, por que não usamos as onze xícaras? A defesa correu melhor do que o esperado. A comemoração também. Mais um significado foi atribuído às xícaras: além dos estudos, a sua conclusão.

O shopping das xícaras e a casa na Vila da Penha são lugares que as xícaras moraram, mas que nunca irei habitar. Até mesmo a casa em Iguaba Grande, nunca voltarei lá, já que perdeu seu maior significado: a minha avó e suas xícaras. Essa relíquia de família habitou todos esses lugares e esses lugares, do meu ponto de vista, moram nas histórias que essa relíquia me conta. Os lugares, os hábitos e seus significados. As pessoas que cruzaram com as xícaras. A minha avó. Eu acredito que minha avó estava presente na minha defesa de mestrado, através das suas cinco xícaras que retornaram após seu falecimento. Assim como o café que esfria na xícara, antes de ser tomado. O café que mora na xícara e depois mora em mim.

## Sobre o autor

Graduada em Desenho Industrial pela Universidade Federal Fluminense (2020.2), com habilitação em Design de Produto. Mestre em Design e Cultura no Programa de Pós Graduação em Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2024.1). Experiência na área de Design de Produto junto a terapeutas ocupacionais com ênfase em Design Inclusivo, atuando principalmente nos seguintes temas: Design Sensorial e para o Bem-estar, Acessibilidade, Ergodesign e Semiótica.